

JUVENTUDE, SEXUALIDADE E INCLUSÃO SOCIAL: JOVENS MÃES E O DESAFIO DE CONSTRUIR PROJETOS DE VIDA¹

Miriã Alves Ramos de Alcântara²
Giancarlo Petrini³
Gil André Peixinho Vieira⁴

Resumo: *Apesar da diversidade de modos de participação na sociedade contemporânea, estudos recentes apontam o reduzido potencial de inserção juvenil em contextos e interações significativas. Nas últimas décadas, profundas mudanças evidenciam que a juventude participa de instâncias da vida social sob aparente autonomia em relação a contextos de socialização, como escola, trabalho e família. A sexualidade e a afetividade, dimensões da identidade desenvolvidas apenas no pertencimento pessoal ao tecido social e subjetivo, sofrem o impacto destas mudanças e da influência de modos diversos de engajamento na cultura. O presente estudo tem como objetivo analisar descritores da tensão entre categorias que descrevem projetos de vida e estratégias de sobrevivência em discursos de mães adolescentes e jovens que vivem em situação de pobreza e que participam de um projeto social de valorização da cultura juvenil. Foram entrevistadas onze jovens com idades entre 14 e 21 anos, com base em um roteiro semi-estruturado que contempla questões relativas ao bairro, família, trabalho, educação, iniciação sexual, convívio familiar e redes de relações. As entrevistas foram gravadas, em seguida, transcritas e analisadas de acordo com as seguintes categorias: capital humano e social, projetos de vida, estratégias de sobrevivência, concepções e práticas sobre família e sexualidade. Os resultados evidenciam significações acerca da sexualidade ligadas à violência em relações com o sexo oposto marcadas pela complexidade. Experiências frequentemente relatadas pelas jovens mães foram pouca liberdade de ação, diálogo com os pais e violência. Quase todas as entrevistadas mencionam o desejo de possuírem uma casa própria, um trabalho que favoreça melhor condição de vida para elas e para seus filhos. Porém, ao serem interrogadas sobre o que têm feito para atingir esses objetivos, a grande maioria respondeu não estar fazendo absolutamente nada. O encontro com o projeto de valorização da cultura juvenil promove a construção de significações em torno do pertencimento aos contextos de sociabilidade.*

Palavras-Chave: Maternidade precoce; Adolescentes grávidas; Inserção social; Família.

INTRODUÇÃO

O presente estudo integra uma investigação mais ampla (PETRINI, 2005) que tem o objetivo de analisar dinâmicas de relações que favorecem a inserção social de jovens que participam de projetos sociais e que vivem em contextos de pobreza urbana. Parte-se da premissa de que a inclusão social requer a integração do patrimônio familiar e cultural de origem dos jovens ao potencial que o projeto social lhes oferece. Neste encontro torna-se possível alterar os

¹ O estudo integra a linha de pesquisa “Família em Mudança” coordenada pelo Prof. Dr. Giancarlo Petrini, conta com o apoio da FAPESB, edital/2006 “Combate à pobreza e desigualdades sociais”.

² Psicóloga, Doutora em Saúde Pública (ISC/UFBA), pesquisadora do grupo de investigação “Família em Mudança” (UCSal). miria.alcantara@pop.com.br.

³ Sociólogo, Doutor em Ciências Sociais, Coordenador do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal). E-mail: jcpetrini@terra.com.br.

⁴ Estudante de graduação de Teologia – UCSal, bolsista de iniciação científica do grupo de investigação “Família em Mudança” (UCSal).

cursos das trajetórias de jovens integrando elementos de sua história aos processos educacionais que possibilitem a eles reconhecer e valorizar dimensões da sociabilidade como o estudo, o trabalho, e a experiência positiva da afetividade.

Neste sentido, o projeto social favorece a construção de projetos de vida em oposição às estratégias de sobrevivência que apenas viabilizam mecanismos de adaptação aos desafios mais imediatos colocados pelo contexto.

No interior desta investigação, as dimensões que constituem as dinâmicas de relações inerentes aos pólos *projetos de vida* e *estratégias de sobrevivência*, são analisadas a partir da problemática da gravidez precoce.

O presente estudo tem, portanto, o objetivo de analisar a relação entre projetos de vida e estratégias de sobrevivência enquanto dimensões que definem processos sociais e subjetivos relativos às polaridades inclusão/exclusão social. A construção de novas perspectivas para o futuro são acionadas pelas relações sociais que podem favorecer a inclusão social do jovem. Por outro lado, estão presentes neste processo dimensões relativas à decisão pessoal que trazem maior complexidade para a análise dessas relações dinâmicas. De um lado, existem processos sociais caracterizados pelo engajamento do indivíduo em ações como o estudo, trabalho, amizades, etc. No entanto, a participação requer a posição do sujeito que toma a decisão.

Nesse contexto, a gravidez na adolescência quando considerada apenas do ponto de vista do impacto social tem um potencial de análise e intervenção reduzido pois, como diversos estudos mostram, esta resulta não apenas de determinantes socioeconômicos, mas refere-se também à necessidades subjetivas como a de a adolescente ser reconhecida em seu status de mãe e mulher ou da expectativa de conquistar uma melhor situação familiar, ao ocupar-se de seu próprio lar ou família (AQUINO et. al, 2003).

PROJETO DE VIDA E ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA

Projeto de vida é concebido como uma perspectiva de futuro que contempla a possibilidade de crescimento formativo e de acesso a um patamar de inserção na sociedade, superior ao atual, como combate à pobreza, conscientemente assumido e sistematicamente perseguido (PETRINI et al., 2006).

No pólo oposto ao *projeto de vida* situa-se uma postura identificada como *estratégia de sobrevivência*. A pessoa que elabora um *projeto de vida* visa melhorar as condições de saúde, de educação, de moradia e de trabalho para si ou para algum membro da família, superando a postura de perseguir *estratégias de sobrevivência*.

A experiência de trajetórias que permitam ultrapassar a condição de pobreza inicia-se na dinâmica entre melhoria de condições socioeconômicas e formulação de um *projeto de vida* ao qual a pessoa se dedica, objetivando melhorar suas condições de existência. Um *projeto de vida* tem mais probabilidade de ser formulado por uma pessoa nos casos em que a família lhe oferece suporte, estímulo, acolhimento e valorização. De maneira semelhante, supõe-se que as associações locais ou de origem externa à comunidade proporcionam meios de formação, suporte técnico e psicológico, possibilitando e contribuindo para ajustar o projeto de vida em execução.

As *estratégias de sobrevivência* são definidas pela incapacidade da pessoa de tomar decisões que exijam o empenho pessoal em um período de tempo extenso em vista de obter um benefício para si mesmo ou para um grupo. A *estratégia de sobrevivência*, portanto, caracteriza-se pela ação individual em função dos elementos em jogo no momento em que os desafios adaptativos são impostos pelo contexto. Em geral, não estão presentes somente nas pessoas que desenvolvem atividades ocasionais voltadas para conseguir o mínimo indispensável para a

sobrevivência momentânea, mas também nas pessoas que não mais saem de casa para procurar trabalho, como também as que engravidam precocemente e as que se envolvem com atividades criminosas, que, via de regra, reduzem as oportunidades de crescimento e até de sobrevivência. A hipótese que move a investigação é que a elaboração de *projetos de vida* é decisiva para a persistência no combate à pobreza.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

A literatura apresenta quatro enfoques predominantes sobre a gravidez na adolescência. O primeiro deles busca dimensionar o problema a partir da análise de indicadores locais e mundiais. Em seguida, encontra-se a perspectiva sobre as causas do aumento dos índices de gravidez na adolescência nas últimas décadas. A prevenção do fenômeno é uma terceira vertente que analisa tipos de ações preventivas, eficácia e aponta lacunas no conhecimento científico. O quarto enfoque destaca os processos educacionais e culturais que favorecem a adoção de pontos de vista diversos sobre a experiência de maternidade e paternidade, posturas sobre a sexualidade e o namoro, bem como analisa o impacto das representações e da construção de sentidos sobre a experiência para a inserção social do jovem.

Dados do UNICEF mostram que atualmente, cerca de 14 milhões de nascimentos anuais mundiais são de mães adolescentes (LIMA et al., 2004). Este, portanto, não é um problema específico do Brasil, mas é observado em todo o mundo.

No Brasil, o número de adolescentes grávidas cresceu nos últimos 16 anos. Em 1991, os dados do IBGE revelam que de todas as crianças nascidas naquele ano, 16% eram filhos de mulheres de 15 a 19 anos. Em 2004, este percentual subiu para 20,4%⁵. De acordo com as séries estatísticas das três últimas décadas, o padrão de fecundidade das brasileiras, que era tardio, com maior participação das mulheres de 25 a 29 anos, até a década de 1970, passou a ser jovem nos anos de 1980, com maior proporção de nascimentos oriundos de mulheres de 20 a 24 anos.

Considerando os indicadores para a população adolescente e jovem, constata-se que em 2005, no Brasil, a proporção de nascidos vivos por mães entre 10 e 24 anos foi de 52,3%, enquanto em Salvador essa proporção para o mesmo período e faixa etária materna correspondeu a 46,3% do número de nascidos vivos (DATASUS, 2007⁶).

Esses dados revelam o aumento da frequência com a qual adolescentes e jovens exercem precocemente ou de maneira pouco integrada aos seus objetivos processos familiares como a maternidade e a paternidade. Do ponto de vista da configuração demográfica, esses dados confirmam a tendência observada nas últimas décadas da redução da taxa de natalidade geral enquanto mantém-se elevada e em crescimento a taxa de natalidade para a população nas idades de 10 a 24 anos. Este perfil traz graves conseqüências para a educação dos jovens bem como das gerações futuras.

Na tentativa de responder ao questionamento acerca dos fatores que estariam contribuindo para este perfil populacional, o segundo enfoque trata do conjunto de causas que podem contribuir para o aumento da gravidez na adolescência. Os estudos mostram a existência de fatores de ordem econômica e social, além de práticas educacionais e culturais a determinar diferenças entre países e entre regiões em um mesmo país. Por exemplo, um estudo no Reino Unido mostra que a exclusão social aumenta o risco de gravidez na adolescência e que a educação é uma das dimensões da exclusão. Bonell et al. constata que adolescentes entre 13 e

⁵ Síntese de indicadores sociais, PNAD, 2004.

⁶ acesso em 12 de julho de 2007 www.datasus.gov.br.
<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>

14 anos que não gostam da escola têm maior risco de engravidar do que aquelas que gostam da escola. No Brasil, os estudos tendem a confirmar essa tendência e mostram que mais adolescentes de baixa escolaridade e menor nível socioeconômico tiveram mais filhos (DUARTE, NASCIMENTO & AKERMAN, 2006). O problema educacional não se restringe à escolaridade, mas diz respeito, sobretudo, ao comportamento nas relações afetivas.

Os resultados de pesquisa realizada, em 2001, pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em parceria com o Ministério da Saúde, em 14 capitais brasileiras, evidenciam a iniciação sexual cada vez mais precoce dos jovens, além da tendência aos namoros breves e mais intensos (LIMA et. al., 2004).

Atualmente, o imaginário em torno do namoro e das questões relativas à sexualidade e afeto se estruturam em torno do não compromisso, da eventualidade e da atração física, apresentando-se como relacionamentos cujos limites são demarcados pela disponibilidade. Na prática, os novos ideais de experiência afetiva, dissociados da perspectiva da duração e da configuração de uma rede de relações permitiriam a diversificação das parcerias casuais e uma maior frequência de relações sexuais, além de aumentar a possibilidade de adquirir doenças sexualmente transmissíveis.

As relações afetivas ocasionais no estilo do *ficar*, também estão associadas ao risco de engravidar, em situações que podem dificultar o reconhecimento da paternidade. Um estudo realizado no Recife mostrou que convivem a valorização da virgindade feminina e a dissociação das esferas do prazer e do casamento, compatível com o ideário moderno do direito individual, submetendo a identidade feminina a novas exigências, ou seja, mudaram os critérios de aceitação da mulher adolescente pelas amigas, pois, em alguns grupos a virgindade já não se constitui em um valor positivo. A desvalorização da inexperiência sexual pelo grupo de iguais tem levado jovens de ambos os sexos a procurarem ter relações sexuais sem estarem suficientemente preparados para isso.

As formas de prevenção do fenômeno são uma terceira vertente investigativa importante que parte das questões dos tipos de prevenção, da sua eficácia e das lacunas no conhecimento científico a respeito. Os estudos sobre eficácia dos métodos preventivos mostram que apesar do vasto conhecimento produzido nas últimas décadas acerca da saúde dos adolescentes, este ainda não se reflete sobre a prevenção da gravidez não planejada durante a adolescência. A maior parte dos estudos aponta que a adoção de métodos de contracepção envolve não apenas o conhecimento a respeito, mas fatores biológicos e sociais das adolescentes, que requerem ampla contextualização (MAGALHÃES et al., 2006). Nesse debate, a inclusão de categorias de análise relativas à compreensão dos adolescentes acerca de seu patrimônio relacional e cultural, bem como da perspectiva que possuem acerca das possibilidades de inserção social e de construção de projetos de vida, podem contribuir para a análise do fenômeno da gravidez na adolescência.

Os autores tendem a compartilhar a perspectiva da necessidade de se promover ações específicas para evitar a gravidez nesse grupo e para incentivar a inclusão social dessas adolescentes e de seus filhos, abrindo perspectivas de modificar a sua condição (DUARTE, NASCIMENTO & AKERMAN, 2006). Dentro do princípio de promoção à saúde, é necessário investir na expansão de capacidades das adolescentes para que possam fazer escolhas saudáveis e compatíveis com seu projeto de vida.

Os estudos sobre concepções acerca de maternidade e paternidade, bem como das práticas educativas e sua influência sobre o comportamento afetivo e sexual de adolescentes e jovens constituem uma quarta vertente que tem contribuído para compreender a gravidez na adolescência como um processo subjetivo que traz grandes repercussões para projetos de vida individuais e familiares. Nesse sentido, analisam-se as mudanças que trazem a maternidade

precoce para o percurso escolar marcado por interrupções de séries, constando-se ainda a relevância da família de origem como fonte de apoio material (AQUINO et. al., 2003).

As tentativas de compreensão do fenômeno, acima descritas, se aplicadas a categorias de análise como capital humano e social bem como estratégias de sobrevivência e projetos de vida, voltadas para descrever a inserção social de pessoas que vivem em condições de pobreza, torna possível integrar a perspectiva subjetiva às dinâmicas sociais mais amplas. Análises desta integração evidenciam modos nos quais adolescentes e jovens se utilizam dos recursos disponíveis para responder às suas necessidades. Esta resposta depende do engajamento em redes de relações e da capacidade de entender e reconhecer suas próprias necessidades.

OBJETIVO

Analisar o envolvimento de adolescentes e jovens mães em *projetos de vida* ou em *estratégias de sobrevivência* a partir da participação em um projeto social de valorização da cultura juvenil.

MÉTODO

Participantes

Foi realizado um estudo de corte transversal com 11 mães com idades entre 14 a 22 anos, que no período de novembro e dezembro de 2006 participavam de um projeto de desenvolvimento de habilidades sociais e de formação profissional da comunidade do Areal, Rio Vermelho, em Salvador.

O contexto de investigação

O bairro do Rio Vermelho em Salvador reúne, em um mesmo território, moradores de diferentes condições socioeconômicas. A comunidade analisada pertence a uma localidade que agrega os indicadores mais significativos de exclusão social e de mortalidades por causas externas para a população juvenil e em geral da cidade de Salvador (NUNES & PAIM, 2005).

O projeto social oferece atividades de formação profissional onde as adolescentes aprendem a confeccionar biquínis e bijouterias. Durante o curso, elas são convidadas a participar da venda da sua produção através do engajamento em uma cooperativa que recebe pedidos de parceiros para a comercialização das peças produzidas. A atividade, ainda que represente uma baixa remuneração, é uma importante fonte de renda para as adolescentes que, em sua maioria, possuem baixo nível de escolaridade e vivem em famílias com renda de até meio salário mínimo.

O projeto de promoção do desenvolvimento humano e social de adolescentes e jovens gestantes e mães situa-se em um local composto por habitações informais que compartilham elevados índices de violência e de indicadores sociais que situam sua população abaixo da linha da pobreza. Todas as adolescentes residem nesta comunidade.

Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Elaborou-se um roteiro semi-estruturado de entrevista com questões acerca da identidade da adolescente, sua origem, escolaridade, recursos e habilidades sociais e valores, além de itens que visam a levantar a perspectiva da adolescente acerca do seu futuro. Este roteiro conta ainda

com questões que simulam situações às quais a adolescente analisa e responde de acordo com a atitude de um dos exemplos sugeridos, além de contar com uma lista de setenças a serem completadas pela adolescente (em anexo).

As entrevistas individuais foram realizadas na própria sede do projeto social no horário em que as adolescentes participavam das atividades da cooperativa e da confecção de biquínis e bijouterias. Com a duração de aproximadamente uma hora, as entrevistas foram gravadas e em seguida, transcritas.

Análise de dados

Os questionários foram elaborados de acordo com a análise das variáveis que definem projetos de vida e estratégias de sobrevivência. As variáveis foram agrupadas em quatro dimensões entendidas como dimensões que definem a inclusão/exclusão social (PETRINI, ANO): 1) capital humano 2) capital social 3) projeto de vida 4) estratégia de sobrevivência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas de adolescentes e jovens mães revela que, em sua maioria, as adolescentes e jovens compartilham o desejo de ter um futuro melhor, através da expectativa de melhorar as condições de vida, como afirma uma das entrevistadas ao ser interrogada, a respeito do que ela pensa sobre o seu futuro:

“Penso em terminar minha casa própria, ter um bom emprego, fazer minha Faculdade em Direito e dar uma vida melhor para meu filho” (JM, 1).

Por outro lado, em vista das condições atuais e das suas histórias de vida, as adolescentes e jovens carregam um olhar profundamente negativo quando interrogadas a respeito das suas expectativas para o futuro do lugar onde moram, manifestando descrença quanto às possibilidades de mudança. Por exemplo, ao ser questionada a respeito de como pensa que será a vida da sua comunidade daqui a 10 anos, uma das entrevistadas responde:

“Será pior. Pois agora que “reuniu a paz” (menciona um acordo entre os traficantes para que não haja conflitos entre eles) não há mais “reixa” (palavra que na linguagem local significa conflito, desavença, briga) eu acho que vai piorar. Muita gente morrendo nas mãos dos “homens”. O caso agora são os homens, os policiais, que chegam atirando, xingando mãe de família e etc.”.(JM 5)

Portanto, as adolescentes e jovens que afirmam desejar um futuro melhor, vivenciam contradições quanto a expectativa de concretizá-lo, pois ao serem interrogadas a respeito do que fazem para que venham a ser efetivado esse futuro, não sabem como contribuir ou afirmam não fazerem nada para que esse futuro venha a acontecer.

A maioria dessas jovens mães não vivenciou a adolescência enquanto uma fase intermediária entre a infância e a vida adulta, por motivos como a necessidade de trabalhar e própria gravidez precoce. As jovens carregam certo desejo pelos ideais veiculados nos meios de

comunicação, e muitas vezes parecem mais inclinadas a traçarem uma estratégia de sobrevivência do que um projeto de vida.

Um dos descritores do engajamento em redes de pertencimento que favorecem a formulação de um projeto de vida é a rede de relações. A tabela 1, abaixo, mostra os resultados relativos a este descritor. O total de respostas sobre a qualidade das relações que as adolescentes mantêm com pessoas que constituem sua família de origem, – e com os sogros – a família do pai do seu filho (parceiro ou companheiro) e com a própria criança revela parte da configuração de um novo sistema relacional iniciado quando da concepção do filho. Este marco é de grande importância já que a partir de notícia da gravidez, inicia-se a experiência de maternidade, o que confere a inserção em nova configuração familiar, pleno de relações significativas. Os resultados mostram que estas relações tendem a não encontrar vias de sustentar-se no tempo, com elevado número de respostas que as qualificam como boas ou ruins (N=37) quando comparadas a apenas sete relatos que as classificam como ótimas.

Tabela 1: Distribuição percentual das adolescentes participantes do estudo segundo rede de relações

Integrante da rede	Qualidade do vínculo			
	Ótima	Boa	Ruim	Total
Pai da criança	1	5	5	11
Criança	2	6	3	11
Família de origem	2	5	4	11
Sogros	2	4	5	11
Total	7	20	17	44

Dentre os integrantes das redes de relações (companheiro, família e criança), as adolescentes relatam com maior detalhe suas experiências com o pai da criança e com a criança. Uma das adolescentes revela um evento frequentemente constatado no vínculo com o pai da criança, em que tendem a preferir relacionamentos afetivos com adolescentes ou jovens que possuem ou evidenciam algum elemento que os diferenciam dos demais jovens da comunidade. Com frequência estas jovens envolvem-se com rapazes que consomem ou trabalham para o tráfico de drogas.

“Conhecemos-nos através de uma vizinha. Eu tinha namorado e acabei trocando um pelo outro, aos 15 anos. Eu era 7ª série quando comecei a namorar com ele. Chegamos a morar junto só três meses. Eu engravidei com 16 anos, e ficamos juntos até junho. Ele foi para Jequié, porque ele estava viciado em drogas, e eu vi que ele aqui não tinha futuro. E também porque aqui ele trabalhava em mercado, aí ele saiu do trabalho e achou que não ia arrumar nada e começou a usar drogas achando que aquilo ali era o caminho certo. Ele usou maconha e depois cocaína. Aí depois eu vi que ele estava muito viciado. A mãe dele ligou, dizendo que era para ele voltar, então nós viajamos no São João. A mãe dele já estava sabendo de tudo [da gravidez] e pediu a ele para morar lá. Ele disse que só iria se deixasse a menina [a filha] ir. Ele disse que ia parar [de tomar drogas], ele disse que ia parar se deixasse a filha dele perto dele, aí eu deixei”. (JM3).

A adolescente conta que permaneceu durante algum tempo no interior após o nascimento da sua filha, mas devido a conflitos com a sogra, voltou para Salvador e decidiu deixar a filha

com o pai. A separação da filha se deve ao fato de ter dado ao antigo namorado uma chance para manter-se próximo da mãe e, através de seu apoio, sustentar-se economicamente e permanecer distante do ambiente no qual obtém drogas de modo mais fácil.

A separação da criança é, no entanto, uma exceção, pois todas as adolescentes permanecem convivendo com seus filhos ainda quando não exercem o cuidado de maneira direta ou quando estes residem com os avós. O relato chama a atenção pela condição de dependente químico do pai e por apresentar o caso de uma adolescente que apresenta elementos de ruptura com as redes de relações mais relevantes (a criança, o antigo namorado e a família do mesmo). A história desta jovem chama a atenção também por tratar-se de vítima de violência sexual (aos nove anos de idade) que passa a ter diversos relacionamentos amorosos e sexuais. É possível que a experiência de vitimização em um contexto familiar que propicia menos apoio ou em que ela se sinta menos protegida dificulte relações fundadas em vínculos duradouros, o que dificulta a formulação de *projetos de vida*.

As adolescentes depositam alguma expectativa de apoio e reconhecimento através da experiência amorosa. No entanto, demonstram não serem correspondidas nas relações com o sexo oposto. Esta incongruência entre a espera e a resposta obtida na relação afetiva levam a reconhecer que nem sempre a gravidez precoce é uma solução para a inserção pessoal e social em um universo simbólico significativo, como a princípio idealizavam.

CONCLUSÕES

A experiência das mães jovens e adolescentes indica que o afeto e as relações com os filhos demandam maior dedicação e esforço para responder às necessidades do que os seus recursos disponibilizam. Seus projetos de vida necessariamente dependem de espaços de cooperação entre gêneros e entre gerações, dimensões que definem a família, que nem sempre se sustentam com o passar do tempo, em virtude da efemeridade das relações.

Os resultados convergem com análises das mudanças que ocorrem não apenas para a população que reside em bairros com elevados índices de violência e baixo nível socioeconômico. Estas mudanças ocorrem nas formas de relações estabelecidas na sociedade contemporânea. Ainda que resultem de processos de busca de maior espaço para relações mais autênticas e livres, e que, portanto, correspondam às exigências de realização das pessoas, as formas de viver a afetividade e a sexualidade carregam desafios imprevistos, como o vínculo com os filhos e a necessidade de levar adiante metas de profissionalização que necessariamente passam pelo acesso à educação.

A instabilidade das relações afetivas mantidas entre os adolescentes e jovens, bem como o relato frequente de eventos ligados à violência, evidenciam mudanças das relações de intimidade, típicas da sociedade contemporânea (TORRES & MOREIRA, 2005). As relações afetivas constituem âmbito de expressão do envolvimento em *projetos de vida* ou em *estratégias de sobrevivência*, uma vez que os vínculos humanos mais frágeis podem substituir compromissos duradouros (BAUMAN, 2005). Estes repercutem negativamente na constituição do tecido social, expondo crianças e jovens a dificuldade de criação de laços de pertencimento à família e à sociedade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; KNAUTH, D.; BOZON, M.; ALMEIDA, M. C.; ARAÚJO, J.; MENEZES, G. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2): 377-388, 2003.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.
- DUARTE, C. M.; NASCIMENTO, V. B.; AKERMAN, M. Gravidez na adolescência e exclusão social. *Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health* 19(4), 2006.
- LIMA, C. T. B. ; FELICIANO, KVO; CARVALHO, MFS ; SOUZA, APP; MENABÓ, JBC.; RAMOS, LS; CASSUDÉ, LF; KOVACS, MH. Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil, Recife, 4 (1): 71-83, 2004.
- MAGALHÃES, M. L. C. ; FURTADO, F. L.; NOGUEIRA, M. B.; CARVALHO, F. H.C.; ALMEIDA, F. M. L.; MATTAR, R.; CAMANO, L. Gestação na adolescência precoce e tardia – há diferença nos riscos obstétricos? *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia* 2006; 28(8): 446-52.
- NUNES, M.; PAIM, J. Um estudo etno-epidemiológico da violência urbana na cidade de Salvador, Bahia, Brasil: os atos de extermínio como objeto de análise. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(2): 459-468, mar-abr, 2005.
- PETRINI, G.; NEGRÃO, A. P.; ANUNCIA O, I. S.; VIEIRA, G. A. P.; SILVA, B. R. Projeto de vida x estratégias de sobrevivência – categorias de análise. *Relatório de Pesquisa*, FAPESB, 2006.
- PETRINI, G. Combate à pobreza e às desigualdades sociais – rotas de inclusão. *Projeto de pesquisa*, FAPESB, 2005.
- TORRES, T. L. M; MOREIRA, M. F. S. Gravidez na adolescência e processos educativos: sexualidade, sentimentos e projetos de vida. *Simpósio Internacional do Adolescente*, 2005.